



UMA REFLEXÃO SOBRE A HOSPITALIDADE DE PROCUSTO À LUZ DA PSICANÁLISE

Uma Reflexão Sobre A Hospitalidade De Procusto À Luz Da Psicanálise

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a hospitalidade de Procusto à luz da Psicanálise, especialmente a partir das características da neurose obsessiva. Utiliza-se o estudo de caso da mitologia grega, analisando a figura de Procusto, conhecido por submeter seus hóspedes a um rígido padrão de conduta, obrigando-os a caberem perfeitamente em uma cama de ferro — esticando-os ou amputando seus membros. Como o estudo se baseia em material de domínio público, não foi necessária aprovação por Comitê de Ética. Os comportamentos de Procusto revelam traços típicos do neurótico obsessivo, como o perfeccionismo, a rigidez, a necessidade de controle e a dificuldade de lidar com o diferente. Sua “hospitalidade” imposta, sem possibilidade de recusa, reflete a tentativa obsessiva de moldar o outro segundo seus próprios padrões. A análise sugere que o mito representa, simbolicamente, o conflito psíquico entre lei e transgressão, desejo e proibição, que estrutura a neurose obsessiva.

José Raimundo Evangelista da Costa

Graduado em Psicologia; Especialista em saúde mental e atenção psicossocial; Especialista em filosofia e direitos humanos; Especialista em Psicanálise; Mestre em Bioética; Doutor em Psicologia Clínica; Formação em psicanálise; Pós-doutorado em Psicologia. Experiência na área de psicologia, psicanálise e educação superior, com ênfase em psicologia clínica, sexualidade, práticas psicossociais, psicopatologia, psicanálise e saúde mental; Professor titular do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Paulista – UNIP; Pesquisador - orientador de Iniciação Científica - linhas de pesquisa: 01 – Psicopatologia psicanalítica e contemporaneidade; 02 - Saúde mental e práticas psicossociais; 03 – Sexualidade: diversidade sexual e de gênero; 4 – Conexões virtuais: clínica psicanalítica online; 5 – Psicanálise: clínica e cultura.

<https://orcid.org/0000-0002-5119-4752>

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise; Hospitalidade; Procusto; Mitologia Grega.

**ABSTRACT**

***Autor correspondente:**

José Raimundo Evangelista da Costa
raievan@yahoo.com.br

Recebido em: [30-04-2025]

Publicado em: [09-05-2025]

This paper proposes a critical reflection on the hospitality of Procastus in the light of psychoanalysis, especially based on the characteristics of obsessive neurosis. It uses a case study from Greek mythology, analyzing the figure of Procastus, known for subjecting his guests to a rigid standard of conduct, forcing them to fit perfectly into an iron bed - stretching them out or amputating their limbs. As the study is based on material in the public domain, no Ethics Committee approval was required. Procasto's behaviors reveal traits typical of obsessive neurotics, such as perfectionism, rigidity, the need for control and the difficulty of dealing with difference. His imposed "hospitality", without the possibility of refusal, reflects his obsessive attempt to mold the other according to his own standards. The analysis suggests that the myth symbolically represents the psychic conflict between law and transgression, desire and prohibition, which structures obsessive neurosis.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Hospitality; Procrustes; Greek Mythology.



INTRODUÇÃO

Na Mitologia Grega, podemos apontar diversas figuras importantes que merecem uma reflexão, Procusto é uma dessas figuras. O presente estudo busca fazer uma reflexão sobre a hospitalidade de Procusto à luz da Psicanálise.

Procusto era conhecido como um indivíduo detalhista, com um Superego extremamente rígido, tinha uma hospitalidade questionável, obrigava seus hóspedes a caberem perfeitamente em uma cama na sua hospedagem: esticando-os, se fossem muito pequenos, ou cortando seus membros, se fossem muito grandes (Taleb, 2022).

A hospitalidade se refere às interações entre um hóspede e a pessoa que o recebe, o anfitrião. O hóspede e o anfitrião mantêm uma relação interdependente, o hóspede é alguém ausente que, a qualquer momento, pode tornar-se presente e solicitar a hospitalidade. Nas situações em que as normas da hospitalidade estão em vigor, o hóspede detém direitos em relação ao anfitrião (ser recebido), enquanto o anfitrião, mesmo antes de assumir formalmente esse papel, possui deveres para com o hóspede que se apresenta, acolhê-lo (OHSJD, 2004).

Assim, surge a incerteza como ideia principal: quem será o meu próximo hóspede? será preciso esticar ou cortar o excesso para se ajustar perfeitamente às regras? A atitude de Procusto é determinada por padrões e expectativas predeterminadas, quais sejam, acolher as pessoas como figuras importantes, oferecer um quarto com uma cama nunca vista antes, exercer sua obsessão, auxiliar o hóspede a caber perfeitamente na cama. Observa-se que o hóspede, diante da sua vulnerabilidade, não tinha a menor chance, o que nos alerta sobre a natureza dinâmica da hospitalidade, a importância de estarmos atentos à hospitalidade do anfitrião.

A Psicanálise, por sua vez, é vista como uma jornada compartilhada, na qual há a chance de recriar narrativa, a depender da interação de duas mentes envolvidas no processo. A dinâmica dos acolhimentos tem como objetivo ampliar, expandir e esclarecer a situação emocional, as subjetividades envolvidas em cada processo (Lucas; Vanz; Souza, 2022).

Em vários momentos de sua carreira, Freud encontrou obstáculos que o forçaram a repensar as suas teorias. Em termos de processo de trabalho, no começo de sua prática clínica, o psicanalista exercia a arte da interpretação, descobria o sentido do sintoma e depois comunicava ao paciente. A Psicanálise como arte da interpretação consistia em escutar, fazer relações, reunir e comunicar, no momento oportuno, o inconsciente oculto para o paciente. Entretanto, em 1900, Freud entendeu que o mais importante era o próprio indivíduo conseguir



lembrar fragmentos de sua vida, de suas relações intersubjetivas ou de sua fantasia em tempos passados. Esses fragmentos, relações e fantasias, especialmente relacionados à infância, quando submetidos ao processo de elaboração promovido pelo indivíduo, permitiriam clarear o sentido do sintoma. Para que o indivíduo encontrasse as recordações ou fizesse construções a partir de suas próprias lembranças, seria preciso trabalhar suas resistências (Ocariz, 2003).

Espera-se, assim, que a Psicanálise nos ajude a entender o comportamento de Procusto, um indivíduo marcado pela neurose obsessiva, rígido e implacável na execução dos seus rituais.

Na neurose obsessiva, o Ego está sempre em alerta contra a possibilidade de falha do recalque. Para evitar que isso ocorra e buscando controlar a ansiedade, é necessário um esforço contínuo, o que consome muita energia. Quando as estratégias de defesa do Ego não são suficientes para resistir às tentações, surgem as proibições que têm por objetivo afastar situações que possam provocar tais tentações (Farias; Cardoso, 2015).

É importante compreender a importância dos componentes sádicos na origem da neurose obsessiva. Quando o impulso de saber predomina na estrutura do neurótico obsessivo, o ato de ruminar pensamentos se torna o principal sintoma da neurose. Nesse caso, o próprio processo de pensar é sexualizado, pois o prazer que normalmente estaria associado ao conteúdo dos pensamentos passa a ser direcionado para o ato de pensar em si. Assim, a satisfação obtida ao alcançar um resultado intelectual assume o caráter de uma satisfação sexual. Nas diversas formas de neurose obsessiva em que o impulso de saber está presente, sua conexão com os processos intelectuais faz com que ele se torne um canal privilegiado para a energia que não consegue se transformar em ação. Essa energia, em vez de ser descarregada por meio do agir, é redirecionada para o pensamento, onde encontra uma nova forma de prazer. Dessa maneira, a ação substitutiva pode ser transferida para atos de pensamento preparatórios, impulsionados pelo desejo de saber. No entanto, o adiamento da ação rapidamente se converte em um prolongamento excessivo da reflexão, até que todo o processo seja deslocado para um novo domínio, preservando suas características originais (Freud, 1909).

Com base nessas reflexões, podemos identificar a característica psicológica há tanto tempo procurada e que confere aos produtos da neurose obsessiva seu caráter compulsivo. Os processos de pensamento tornam-se obsessivos quando, devido à inibição causada pelo conflito entre forças opostas no extremo motor dos sistemas mentais, ocorrem mediante um gasto de energia – tanto em qualidade quanto em quantidade – que normalmente seria reservado às ações. Em outras palavras, esses pensamentos acabam assumindo um papel regressivo,



funcionando como substitutos de atos. Parece razoável supor que, de modo geral, o pensamento é realizado com um consumo de energia menor e mais eficiente do que a ação que visa à descarga e à transformação do mundo exterior (Freud, 1909).

Quando um pensamento obsessivo se instala intensamente na consciência, ele precisa ser protegido contra os esforços do pensamento consciente que tentam eliminá-lo. Sabemos que essa proteção ocorre porque o pensamento obsessivo passa por uma modificação antes de se tornar consciente. No entanto, essa não é a única estratégia envolvida. Além disso, é comum que a ideia obsessiva seja desconectada da situação original que a gerou, pois, mesmo com a deformação, ela ainda poderia ser facilmente compreendida. Para isso, cria-se um intervalo entre a experiência inicial e a ideia obsessiva resultante, dificultando a análise consciente de suas causas. O conteúdo da ideia obsessiva é frequentemente desvinculado de seus contextos específicos por meio da generalização (Freud, 1909).

No presente estudo, destaca-se a vulnerabilidade daqueles que buscavam a hospitalidade de Procusto, pagando um preço alto pelo banquete, pela atenção e pela cama oferecida para repouso.

O estudo teve como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre a hospitalidade de Procusto – uma figura sombria da Mitologia Grega - à luz da Psicanálise, por intermédio de revisão narrativa de literatura.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma reflexão sobre a hospitalidade de Procusto, personagem da Mitologia Grega. Procusto era conhecido como o dono de um pequeno sítio em Corídalos, situada estrategicamente entre as esplêndidas cidades de Atenas e Elêusis (ou Eleusina), por onde os viajantes costumavam passar. Nesta propriedade, os hóspedes eram considerados “importantes e tratados como tal”. O dono queria agradar aos seus convidados, por isso decidiu criar uma hospedaria perfeita, com a cama perfeita, onde os visitantes pudessem descansar e se recuperar das adversidades das suas viagens. Depois de muitas pesquisas e experimentações meticulosas, Procusto, o dono da propriedade pensou ter alcançado o tamanho e as proporções perfeitas e criou uma cama que poderia acomodar hóspedes em perfeita “harmonia”. À noite, quando o hóspede ia para o quarto, Procusto o “ajudava” a habituar-se à cama, a alongar ou cortar quaisquer partes “excessivas” do corpo.



As informações relatadas no presente estudo foram obtidas por intermédio da revisão narrativa de literatura. Como o estudo se baseia em material de domínio público, não houve a necessidade de ser avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

Estudo de Caso da Mitologia Grega

Numa narrativa antiga da Mitologia Grega, surge a figura enigmática de Procusto, um homem conhecido pela sua rigidez e dono de uma modesta propriedade em Corídalo, situada estrategicamente entre as esplêndidas cidades de Atenas e Elêusis (ou Eleusina), onde os misteriosos rituais de adoração e louvor aos deuses aconteciam.

Ele tinha um senso de hospitalidade peculiar: oferecia aos viajantes que por ali passavam um generoso jantar e depois os convidava a passar a noite em uma cama bastante especial. A obsessão de Procusto pela perfeição na adaptação do leito ao corpo do visitante revelava-se em sua prática de hospitalidade. Os hóspedes de estatura elevada eram submetidos ao comportamento rígido e detalhista de Procusto que amputava membros até alcançar a proporção perfeita. Já os hóspedes de estatura mais baixa eram submetidos a um esticamento, forçados a ocupar toda a extensão da cama, nos mínimos detalhes.

Cabe ressaltar que o nome verdadeiro do sombrio e obsessivo anfitrião era Damastes, sendo Procusto o significado de "o esticador", seu apelido infame.

A ironia do destino teceu seu complexo desenho quando o destemido Teseu, futuro vencedor do temível Minotauro, aventurou-se por aquelas terras. Após o requintado banquete costumeiro, Teseu, engenhoso em sua vingança, forçara Procusto a deitar-se em sua própria cama. Para assegurar um encaixe perfeito, o herói destemido decapitou impiedosamente o obsessivo anfitrião Procusto. Em um ato que ecoava a justiça por todos aqueles hóspedes que um dia passaram por ali, Teseu, seguindo os passos de Hércules, aplicou ao tirano o mesmo veneno que ele próprio administrava a seus hóspedes (Taleb, 2022).

Sabemos que a Mitologia Grega é repleta de figuras enigmáticas e Procusto é uma delas, por isso que se faz necessário contar essa história com um olhar psicanalítico. Seria Procusto um vilão ou um indivíduo tomado por sua neurose obsessiva? Talvez as colinas situadas próximo a Atenas, na Antiga Grécia, nos ajudem a entender essa história. Sem sombra de dúvidas, na Mitologia Grega, a história de Procusto é uma das mais sombrias.



DISCUSSÃO

Os traços obsessivos presentes em Procusto manifestam-se por intermédio do seu comportamento rígido e repetitivo. Esses traços obsessivos impactam a vida cotidiana de nosso personagem que se preocupava com a simetria e sentia-se desconfortável quando seu hóspede não se encaixava perfeitamente na cama, razão pela qual esticava ou cortava o que sobrava, trazendo uma harmonia visual e ao mesmo tempo de entendimento complexo.

No texto intitulado "Tipos Libidinais", escrito em 1931, Freud aborda a diversidade da psique humana e propõe uma classificação baseada na alocação da libido, resultando em três tipos principais: erótico, obsessivo e narcisista. Cada um deles representa um padrão psicológico distinto, com implicações para o comportamento individual e a adaptação social. O tipo obsessivo se destaca pela predominância do Superego que se impõe rigidamente sobre o Ego, gerando um alto nível de autocontrole e um forte senso de dever moral. Diferentemente do tipo erótico que busca afeto e aprovação externa, o obsessivo teme a desaprovação de sua própria consciência. Isso o torna independente das opiniões alheias, mas também pode levá-lo a um comportamento excessivamente rigoroso e conservador. Ele se apresenta como um veículo da cultura, pois tende a seguir normas e preservar valores estabelecidos. Freud faz combinações entre eles, resultando em perfis mistos, como o erótico-obsessivo, o erótico-narcisista e o narcisista-obsessivo. O primeiro reflete um equilíbrio entre impulsos instintuais e a influência do Superego, gerando um perfil altamente dependente de figuras de autoridade. Já o narcisista-obsessivo combina a determinação do narcisismo com a rigidez moral do obsessivo, o que pode resultar em lideranças eficazes, mas também inflexíveis. A relação entre esses tipos e a patologia é analisada sugerindo que os obsessivos têm predisposição para neurose obsessiva (Freud, 1931).

A obsessão de Procusto pela perfeição na adaptação do leito ao corpo do hóspede revelava-se, notadamente, em sua prática de hospitalidade. De acordo com Freud (1907, p. 301), os indivíduos que executam atos obsessivos ou cerimoniais e aqueles que padecem de pensamento obsessivo ou ideias obsessivas, pertencem a uma entidade clínica específica, normalmente nomeada de “neurose obsessiva”. No entanto, oportuno alertar não ser indicado inferir a natureza desta doença a partir do seu nome. Isso porque, a rigor, também podemos falar de “caráter obsessivo” em conexão com outros fenômenos psíquicos patológicos.



Na neurose obsessiva, a importância dos impulsos que estabelecem novas metas sexuais, aparentemente desvinculadas das zonas erógenas, torna-se mais evidente. No entanto, no prazer de observar e no exibicionismo, o olho desempenha a função de uma zona erógena. Da mesma forma, no aspecto de dor e crueldade presente no instinto sexual, é a pele que assume esse papel, especialmente onde se diferencia em órgãos sensoriais ou se transforma em mucosa, caracterizando-se, assim, como uma zona erógena (Freud, 1905).

Oportuno retomar aqui a ideia da impossibilidade de se presumir que o nome da condição explique completamente sua natureza, já que o termo "caráter obsessivo" também pode ser aplicado a outros fenômenos psíquicos patológicos. Assim, em vez de uma definição rígida, é necessário um exame detalhado desses estados, já que ainda não se identificou uma característica distintiva clara da neurose obsessiva, a qual provavelmente se manifesta em um nível mais profundo, embora sua presença seja percebida em todas as expressões da doença. O cerimonial neurótico consiste em acréscimos, restrições e arranjos específicos incorporados a atividades cotidianas, realizados sempre da mesma forma ou seguindo variações metódicas. Essas ações aparentam ser meras formalidades, sem importância real, tanto para os observadores quanto para os próprios indivíduos afetados. No entanto, a pessoa não consegue evitar sua execução, pois qualquer desvio do ritual resulta em uma angústia insuportável que a força a corrigir imediatamente a omissão. Tais cerimônias afetam atividades triviais do dia a dia, como vestir-se, despir-se, preparar-se para dormir e atender às necessidades corporais, tornando essas tarefas mais complexas, demoradas e difíceis. A execução do cerimonial pode ser comparada ao cumprimento de um conjunto de regras implícitas: por exemplo, no ritual do sono, a cadeira deve estar posicionada de uma forma específica ao lado da cama, com as roupas dobradas em determinada ordem; a coberta precisa ser ajustada sob o colchão e o lençol deve estar perfeitamente esticado; as almofadas devem seguir um arranjo exato e o corpo deve assumir uma posição específica antes que o indivíduo consiga dormir. Nos casos mais leves, o cerimonial pode parecer apenas uma amplificação exagerada de uma rotina organizada e justificável. No entanto, a extrema meticulosidade na execução e a intensa angústia associada à sua omissão conferem a esses atos um caráter quase "sagrado", revelando a compulsividade inerente ao transtorno (Freud, 1907).

Procusto oferecia hospitalidade e depois procurava ajustar seus hóspedes à sua cama. Acredita-se que o neurótico obsessivo ajusta sua vida à rigidez dos rituais compulsivos, o que



não deixa de gerar um sofrimento psíquico até nas tarefas mais simples. O comportamento inflexível e punitivo de Procusto é de um neurótico obsessivo, obrigado a ceder aos rituais.

É fácil perceber a semelhança entre o cerimonial neurótico e os rituais sagrados, na medida em que ambos envolvem uma sensação de angústia quando algo não é realizado corretamente, havendo uma dedicação exclusiva à execução (com a proibição de interrupções) e uma atenção meticulosa aos detalhes. No entanto, as diferenças entre eles também são marcantes, a ponto de alguns considerarem a comparação inadequada. Enquanto os rituais sagrados seguem padrões estereotipados e coletivos, os atos cerimoniais neuróticos variam amplamente de indivíduo para indivíduo e possuem um caráter estritamente particular. Os rituais religiosos carregam um significado simbólico reconhecido, enquanto os atos obsessivos parecem desprovidos de sentido, muitas vezes sendo percebidos como irracionais ou absurdos. Assim, a neurose obsessiva pode ser vista como uma espécie de "religião privada", ao mesmo tempo cômica e melancólica. No entanto, essa aparente falta de sentido dos atos obsessivos se desfaz quando analisados pela Psicanálise. A investigação psicanalítica revela que, longe de serem meras ações absurdas, os rituais obsessivos possuem significados profundos. Cada detalhe está ligado a interesses essenciais da personalidade, expressando experiências passadas ainda ativas e pensamentos carregados de afeto. Esses atos podem funcionar tanto como representações diretas quanto simbólicas, exigindo, portanto, uma interpretação histórica ou simbólica para serem plenamente compreendidos (Freud, 1907).

A influência do instinto reprimido manifesta-se como uma tentação e a própria repressão gera angústia que se projeta no futuro como uma expectativa ansiosa. Na neurose obsessiva, esse processo repressivo se revela falho, funcionando de maneira incompleta e instável, sempre à beira do fracasso. Dessa forma, o conflito nunca se resolve inteiramente, exigindo constantes esforços psíquicos para conter a pressão do instinto reprimido. Os atos obsessivos e cerimoniais emergem tanto como uma defesa contra a tentação quanto como uma forma de proteção contra o perigo antecipado. No entanto, quando essas ações protetoras se tornam insuficientes, surgem proibições com o objetivo de afastar a situação geradora da tentação. Assim, as proibições passam a substituir os atos obsessivos, da mesma forma que uma fobia busca evitar um ataque histerico. O cerimonial, por sua vez, estabelece um conjunto de condições que permitem a realização de certas ações que ainda não foram totalmente proibidas. Isso se assemelha ao papel da cerimônia matrimonial religiosa, que concede ao devoto a permissão para o prazer sexual, normalmente considerado pecaminoso. Além disso, é característico da neurose obsessiva, assim



como de outras condições similares, que seus sintomas — incluindo os atos obsessivos — representem um compromisso entre forças psíquicas em conflito. Dessa maneira, essas manifestações sempre conservam algum traço do prazer que buscam evitar, servindo tanto ao instinto reprimido quanto às instâncias responsáveis por sua repressão. Com o avanço da neurose, os atos obsessivos que inicialmente funcionavam como medidas defensivas passam a se assemelhar cada vez mais às ações proibidas, por intermédio das quais o instinto já havia se expressado na infância (Freud, 1907).

A neurose obsessiva impõe sofrimento psíquico. A história de Procusto nos escancara uma punição desnecessária. Sabemos que a neurose obsessiva aprisiona o indivíduo em um ciclo de culpa e repressão. Por isso, caso os rituais não ocorram conforme o planejado, pode haver geração de angústia e autopunição.

Talvez devido à presença de componentes sexuais misturados ou às próprias características sexuais dos instintos, a repressão do instinto se mostra insuficiente e inconclusiva também no âmbito religioso. As recaídas no pecado ocorrem com mais frequência entre os fiéis do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa, qual seja, os atos de penitência, os quais possuem uma clara correspondência com os rituais da neurose obsessiva. Uma peculiaridade marcante e, de certo modo, depreciativa da neurose obsessiva é a forma como seu cerimonial se vincula a pequenas ações do cotidiano, manifestando-se por meio de regras e restrições aparentemente triviais. Esse aspecto só se torna compreensível quando reconhecemos o papel central do deslocamento psíquico nesse transtorno, um mecanismo que foi identificado primeiramente na formação dos sonhos. Percebe-se, nos exemplos de atos obsessivos já mencionados, como esse deslocamento transfere algo significativo para um elemento menor que o substitui — por exemplo, um sentimento em relação ao marido pode ser deslocado para uma cadeira. Essa tendência ao deslocamento altera progressivamente o quadro da neurose, transformando o que inicialmente parecia insignificante em algo de extrema importância e urgência. Curiosamente, observa-se um fenômeno semelhante na esfera religiosa, onde o deslocamento do valor psíquico faz com que pequenos rituais adquiram um peso cada vez maior, ao ponto de se tornarem centrais na prática dessa natureza, obscurecendo o significado original do pensamento religioso. Isso explica a razão pela qual as religiões passam por reformas periódicas que buscam restaurar a hierarquia inicial de valores. Nos sintomas neuróticos, o caráter de compromisso dos atos obsessivos nem sempre é evidente, mas essa característica se revela ao notarmos a frequência



com que a religião proíbe certas expressões instintivas e, paradoxalmente, essas mesmas expressões acabam sendo realizadas em seu nome e supostamente em sua defesa. Diante dessas semelhanças e analogias, podemos considerar a neurose obsessiva como a contrapartida patológica da formação da religião, entendendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. O ponto de convergência mais fundamental entre ambas é a renúncia a impulsos instintivos presentes na constituição do indivíduo. A distinção mais decisiva, no entanto, reside na natureza desses instintos. Enquanto na neurose obsessiva são predominantemente de origem sexual, na religião, estão mais ligados a impulsos de caráter egoísta (Freud, 1907).

Procusto não dava opção de partir, de recusar a hospitalidade ou de ir embora para seus hóspedes. Em qualquer caso, a dinâmica da hospitalidade não é automática, pois o hóspede tem a opção de partir, e o anfitrião pode recusar-lhe a hospitalidade; no entanto, também não é arbitrária, uma vez que o anfitrião se sente moralmente obrigado a acolher um hóspede (OHSJD, 2004).

Em outras palavras, ao contrário da psiquiatria clássica, que concebia as obsessões como uma forma de loucura, Freud rejeitou a ligação entre obsessões e psicose e transferiu sua compreensão para o campo das neuroses. Assim, na nosologia de Freud, a obsessão se aproxima da histeria, o que levou o pai da Psicanálise a propor a nomenclatura de neurose obsessiva. Em 1894, Freud mencionou, pela primeira vez, o termo neurose obsessiva em um texto intitulado “As Neuropsicoses de Defesa”. Neste texto, ele explica as origens das expressões obsessivas associadas ao conceito de falsa conjunção, ou seja, cargas emocionais que se separam da respectiva ideia original em relação a outras expressões aceitáveis. Vale ressaltar que Freud acreditava que esse processo de desconexão ocorre sem consciência e enfatiza a existência de processos inconscientes (Krug *et al.*, 2015).

No decorrer da escrita de Freud, a especificidade do conflito e o processo específico de suas manifestações obsessivas são cada vez mais definidos. A comparação freudiana dos rituais, obsessões e tabus da neurose obsessivo-compulsiva com as práticas religiosas permite-nos distinguir e caracterizar manifestações específicas de cenários patológicos. Viabiliza, ainda, uma possibilidade de ampliar a compreensão do comportamento compulsivo, ou seja, interpretar e analisar histórica e simbolicamente as atitudes compulsivas do paciente por meio de suas manifestações diretas ou simbólicas. Esta análise permite-nos compreender as verdadeiras causas psicológicas dos rituais obsessivos. Portanto, afirmar que a neurose



obsessiva está relacionada à análise é reconhecer os excessos encontrados nas experiências sádicas do tecido anal do sujeito. Desse ponto de vista, deve-se notar que no caso da neurose obsessivo-compulsiva, diante do conflito característico da experiência fálica no processo de subjetivação, o Ego deve recuar para sua antiga organização anal-sádica. Freud argumentou que, por meio da regressão, o Ego encontra formas defensivas de combater as demandas da libido (Krug *et al.*, 2015).

Para Freud (1907), é fácil perceber o ponto de similaridade entre o cerimonial neurótico e os atos sagrados do rito religioso, qual seja, o sentimento angustiante diante do que não foi realizado, o total isolamento em relação a quaisquer outras atividades e a meticulosidade na execução dos detalhes.

Ao acolher um hóspede, não se recebe apenas um indivíduo específico, mas também um representante substituível, um embaixador que simboliza outros. Dado que os seres humanos são parte de grupos, comunidades, sociedades e nações, cada indivíduo está integrado nesses coletivos. A hospitalidade nos confronta, assim, com algo que carrega um significado ético e político notável: o ato de receber o estranho, o outro, aquele que não pertence ao nosso círculo imediato. A hospitalidade implica o reconhecimento e a aceitação dos diferentes, concedendo-lhes a liberdade para discordar de nós (OHSJD, 2004).

Além disso, o hóspede pode decidir partir a qualquer momento, assim como o anfitrião pode recusar-lhe a hospitalidade. Não podemos deixar de apontar aspectos importantes observados na dinâmica da hospitalidade e do cuidado. A hospitalidade não pode ser motivada por uma obrigação, um senso de dever, mas por um genuíno desejo de acolhida e cuidado respeitoso.

Na verdade, o cuidado vai além do sentimento e é importante identificar seu objeto, bem como o ato moral específico em relação a ele. Parece evidente que o objeto do cuidado, neste contexto, é o bem-estar do indivíduo. Em outras palavras, o anfitrião deve preservar ou incrementar o bem-estar do indivíduo vulnerável por si só (Dall'Agnol, 2012).

Procusto era estranho enquanto anfitrião, repetia o mesmo com seus hóspedes. Podemos dizer que a razão da dualidade que cria o desconhecimento reside no fenômeno relacionado à “repetição do mesmo”, ou seja, a situação instável que revela uma aparência desconhecida, mas familiar. É uma angústia que se experimenta, por exemplo, quando se imagina longe do ponto de partida, no meio de uma neblina, apenas para descobrir, às pressas, que nunca saiu daquele lugar, que andou em círculos sem perceber (Quinodoz, 2007). Existem situações em que o



indivíduo repete, situações que insistem, que levam o indivíduo a condições anti-homeostáticas, que se posicionam contra o seu bem-estar (Ocariz, 2003). Procusto apresenta dificuldades em aceitar mudanças. Sua repetição, rigidez nos padrões de conduta e controle excessivo, nos remetem a pensar em comportamentos compulsivos para aliviar a angústia.

Podemos interpretar a história de Procusto do ponto de vista da rigidez e regras brutais que ultrapassam os limites da hospitalidade e das normas sociais.

A Psicanálise nos apresenta a neurose obsessiva tendo como característica principal a rigidez, marcada por regras inflexíveis, necessidade excessiva de padrões, ordem e controle. Observa-se que a história de Procusto representa essa rigidez.

O neurótico obsessivo sente a necessidade de moldar a realidade e o ambiente ao seu redor de acordo com suas regras e crenças. Acresça-se, ainda, como característica marcante do neurótico obsessivo o perfeccionismo. Talvez por isso que Procusto buscava sempre um ajuste perfeito em sua cama, mas neste caso pela violência. A história de Procusto reflete de forma clara o tormento interno do obsessivo que pode se autoflagelar ou punir os outros quando algo não se encaixa nas suas regras e padrões.

Freud sugere que a severidade do Superego na neurose obsessiva está relacionada à importância dessa desintração que ocorre devido à regressão para a fase sádico-anal, originada de questões relacionadas ao complexo de Édipo. Como resultado, a lógica incestuosa e violenta passa a dominar o psiquismo, com os desejos incestuosos sendo disfarçados em impulsos agressivos e destrutivos (Farias; Cardoso, 2015).

As reflexões de Freud sobre a neurose obsessiva, já considerando as mudanças trazidas pela segunda tópica, permitiram uma descrição mais clara da dinâmica obsessiva, especialmente no que diz respeito à sua violência e destrutividade. O Ego se vê em constante batalha contra os desejos recalcados que exigem satisfação de forma cada vez mais intensa, tentando ao mesmo tempo obter e destruir o objeto do desejo. Além disso, o Ego enfrenta um conflito contínuo com o Superego que é cruel e implacável em seus ataques. Na segunda tópica, o foco do conflito se desloca para a relação entre o Ego e o Superego (Farias; Cardoso, 2015).

Os efeitos da regressão não se restringem ao Id, mas têm um impacto significativo no Superego. A regressão aponta para a desintração das pulsões. O Ego reprime as pulsões sádicas, mas, como resultado desse recalque, elas não apenas continuam atuando no Id, como também formam o núcleo do Superego. Assim, na neurose obsessiva, observamos a predominância do Superego (Farias; Cardoso, 2015).



Freud (1919, p. 357) fala sobre o “Anel de Polícrates” (poema de Friedrich Schiller), em que o anfitrião se afasta com horror de seu hóspede porque observa que todo desejo é logo satisfeito. O hóspede tornou-se inquietante (estranho) para ele.

O estranho é sempre alguém que emerge fora do nosso próprio âmbito, do nosso espaço pessoal, pertencendo a outro contexto. Ele é aquele que se opõe a nós, que é incompreensível. A realidade parece adquirir a característica de estranheza quando relacionada com "o meu" ou "o próprio". Para que algo seja considerado estranho ou próprio, é necessário reconhecer a relação existente entre ambos os termos. Portanto, o estranho é assim designado quando, em certa medida, tem alguma ligação conosco, ou seja, reconhecemos o próprio a partir do estranho e o estranho a partir do que é próprio. Dessa forma, o hóspede não é apenas um viajante que surge e parte rapidamente, mas sim aquele que chega e permanece, ainda que temporariamente (OHSJD, 2004).

Procusto “oferecia-lhes um generoso jantar”. Sem pretender apresentar conclusões definitivas, é possível expressar o conceito de cuidado respeitoso de outra maneira. Parafraseando Kant, "o cuidado sem o respeito é cego (ou seja, leva ao paternalismo); o respeito sem o cuidado é vazio (ou seja, leva à indiferença)" (Dall’Agnol, 2012, p. 145).

Na Psicanálise, o acolhimento se dá com a escuta. Acolher com a escuta implica em reconhecer a importância das entrelinhas, das lacunas e dos silêncios na relação terapêutica. Por isso, adota-se uma postura neutra, em o julgamento é vetado, deixando um espaço livre e seguro para o indivíduo se expressar.

CONCLUSÃO

Procusto repetia compulsivamente o mesmo comportamento com seus hóspedes. Foi a compulsão à repetição que levou Freud a reformular os princípios que regem o aparelho psíquico (princípio do prazer e princípio da realidade) e sua teoria sobre as pulsões, bem como postular a existência de um além do princípio do prazer (Ocariz, 2003, p. 78). Para a psicanalista brasileira retromencionada, o que se espera do indivíduo que repete é que, à medida que possa entender o que está repetindo, elabore dialeticamente e produza algum tipo de transformação em sua vida.

O neurótico obsessivo fica preso no conflito entre a lei e a transgressão. O ciclo de autopunição revela a luta entre o desejo e a proibição, na qual o psiquismo do obsessivo



permanece fixado. Assim, o imperativo moral "Seja como for, és culpado" transforma o obsessivo em um "criminoso". Esse mecanismo serve para "limitar" e "controlar" a violência do impulso, pois a culpa passa a estar relacionada a um crime cometido, dando ao ataque pulsional um significado que se organiza em torno do interdito edipiano. A angústia de aniquilamento é, então, substituída pela angústia de castração (Farias; Cardoso, 2015).

Talvez esse seja o carma de Procusto, o eterno conflito entre a lei e a transgressão. O desejo e a proibição onde o psiquismo obsessivo permanece preso. Seu hóspede deve ser perfeito, ajustado de forma exata à cama. Se não se encaixa, Procusto é imediatamente consumido pela angústia de aniquilamento. O perfeccionismo rígido de Procusto é uma metáfora para o dilema obsessivo, em que qualquer desvio da norma provoca uma reação violenta e destrutiva.

É importante deixar claro que cada episódio de hospitalidade é singular e requer uma atenção especial voltada para uma pessoa específica. A prática da hospitalidade deve ser conduzida e interpretada de acordo com as características individuais daqueles que desempenham os papéis de hóspede e anfitrião. Embora os deveres do hóspede e do anfitrião sejam de natureza geral, eles se desenrolam dentro de um contexto limitado e finito. Uma pessoa pode estar predisposta a cumprir as obrigações inerentes à atenção em todos os momentos, independentemente das peculiaridades, devido ao fato de fazer parte da humanidade. No entanto, essas exigências só se manifestam na forma de seres particulares. Um anfitrião que aguardasse por um hóspede universal, considerado o único digno de verdadeiramente merecer sua atenção, e que recusasse acolher todos os visitantes que batessem à sua porta, alegando que nenhum deles preenche plenamente a condição humana, estaria negando a essência da hospitalidade (OHSJD, 2004).

A Psicanálise deve buscar compreender não somente aquilo que é dito pelo indivíduo, mas também buscar entender o não dito entre as lacunas, atentar para os atos falhos, os chistes e as representações simbólicas que surgem durante a relação psicanalista/paciente.

Diferentemente da hospitalidade de Procusto, marcadamente rígida e inflexível, o acolhimento respeitoso proporcionado ao indivíduo pelo psicanalista, notadamente mediante a oferta de uma escuta qualificada, tem o condão de ajudar a explicar, entender e transformar aspectos importantes do seu psiquismo, auxiliando esse indivíduo em seu crescimento pessoal e, conseqüentemente, colaborando para melhora de sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, D. Cuidar e Respeitar: atitudes fundamentais na bioética. **Bioethikós**. Centro Universitário São Camilo - 2012;6(2):133-146.

FARIAS, C. P.; CARDOSO, M. R. A ferocidade da culpa na neurose obsessiva: do desamparo à angústia moral. **Psicologia em Estudo**, vol. 20, núm. 1, p. 33-44, 2015.

FREUD, S. A sexualidade Infantil (1905). In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. 6.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 14.

FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, vol. 8, p. 301-313.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”, 1909). In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos**. Obras Completas [tradução Sergio Tellaroli]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, vol. 9, p. 13-112.

FREUD, S. O inquietante (1919). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 14, p. 329-376.

FREUD, S. Tipos libidinais (1931). In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 18, p. 365-370.

KRUG, J. S. *et al.* Os labirintos psíquicos da neurose obsessiva. In: MACEDO, M. M. K. (org.) **Neurose: leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.



LUCAS, M. S. J.; VANZ, S.; SOUZA, T. S. A clínica psicanalítica como dispositivo de acolhimento para a promoção de saúde. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, 30 (2) 63-73, Jul.-Dez., 2022.

OCARIZ, M. C. **O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura**. São Paulo: Via Lettera editora. 2003.

ORDEM HOSPITALEIRA DE SJD. **Caminhos de hospitalidade segundo o estilo de SJD**. Cúria Geral. Roma: Itália, 2004. Disponível em: www.ohsjd.org. Acesso em 22 dez. 2023.

QUINODOZ, J-M. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto alegre: Artmed, 2007.

TALEB, N. N. **A cama de Procusto: aforismos filosóficos e práticos**. Rio de janeiro: Objetiva, 2022.